

# Presta homenagem póstuma ao Ministro Coqueijo Costa

Às 14:00 horas, presentes os Exmos. Srs. Ministros Armando Rollemberg, José Dantas, Washington Bolívar, Torreão Braz, **Carlos Velloso**, Otto Rocha, William Patterson, Sebastião Reis, Miguel Ferrante, Pedro Acioli, Pádua Ribeiro, Geraldo Sobral, Carlos Thibau, Costa Leite, Nilson Naves, Dias Trindade, José de Jesus, Assis Toledo e Edson Vidigal, foi aberta a sessão.

Não compareceram, por motivo justificado, os Exmos. Srs. Ministros Bueno de Souza, José Cândido, Américo Luz, Plaquer Scartezzini, Costa Lima, Eduardo Ribeiro e Ilmar Galvão.

Lida e não impugnada, foi aprovada a ata da sessão anterior.

## **O EXMO. SR. MINISTRO GUEIROS LEITE (PRESIDENTE):**

Senhores Ministros, recomeçamos os trabalhos judicantes do Tribunal para o Ano Judiciário de 1988.

Lamento comunicar o falecimento de dois ilustres juízes e juristas, o Dr. Mello Martins, Desembargador do Tribunal de Justiça do Distrito Federal, e o Ministro Coqueijo Costa, do Tribunal Superior do Trabalho.

Os falecimentos ocorreram no mês de janeiro e com o nosso Tribunal em recesso. Esta é, portanto, a primeira sessão e o momento próprio para registrarmos tão dolorosos eventos, para a memória dos pósteros.

Recebi a notícia do falecimento do Ministro Coqueijo Costa no Recife, pelo Ministro Luiz Rafael Mayer. Ao amigo que partiu ligavam-me laços de afeto fraternal e de admiração.

Acredito que assim ocorre com o demais colegas, dada a figura humana de Coqueijo Costa.

Peço ao Ministro **Carlos Mário** que fale sobre ele, pois o registro tem de ser sentido.

## **O EXMO. SR. MINISTRO CARLOS VELLOSO:**

Cercado do carinho de sua mulher Aydil, dos seus familiares e dos seus amigos, faleceu na Bahia, no dia 20 de janeiro próximo passado, o Ministro Carlos Coqueijo Torreão da Costa, do Tribunal Superior do Trabalho.

\* Ata da 1ª Sessão Extraordinária do Plenário do Tribunal Federal de Recursos, de 1º/02/1988.

## Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e no STJ

---

Magistrado, jurista, professor universitário, autor de festejadas obras jurídicas, jornalista, poeta, músico, compositor, Coqueijo Costa, um homem de talento, em tudo o que fez pôs a marca de sua inteligência fulgurante.

Eu o conheci ainda antes de ingressar nesta Casa. Estando em Brasília, como examinador de um dos concursos de Juiz Federal, fui convidado para almoço na residência do Ministro Jarbas Nobre, no bloco “A” da SQS 316. Distraidamente, fui bater na porta de Coqueijo, que no mesmo prédio residia. Por coincidência, lá se encontrava o juiz e professor Paulo Emílio Ribeiro de Vilhena, meu conterrâneo e amigo, que me apresentou a Coqueijo. Depois, almoçando com o Ministro Jarbas Nobre, contei-lhe o ocorrido. Jarbas, então, discorreu, elogiosamente, sobre a personalidade de Coqueijo, do Coqueijo juiz, jurista, professor e, sobretudo, do Coqueijo poeta, compositor e músico. Posteriormente, como membro do TFR, fui residir, por coincidência, no bloco “A” da SQS 316. Por intermédio, então, do Peçanha Martins, que lá morava, aproximei-me de Coqueijo e fizemos amizade, que o tempo se encarregou de solidificar.

Coqueijo Costa foi, na verdade, tudo o que quis ser: foi dos maiores juízes do Brasil: No Tribunal do Trabalho da Bahia, sua terra natal, ninguém o superava; no Tribunal Superior do Trabalho, os seus votos fizeram escola e lhe granjearam estima, o respeito e a admiração de seus colegas e dos advogados brasileiros. Coqueijo presidiu o Regional baiano e o Tribunal Superior do Trabalho. Revelou-se, então, notável administrador, que sabia prever para prover. Na Presidência do TST, contou com a colaboração, que, no discurso que proferiu por ocasião do término do seu mandato, declarou ter sido inestimável, de sua mulher e colaboradora, “*da musa mais terna e dedicada, Aydil de nome*”, na observação feliz de Jorge Amado, ao prefaciá-lo “*Mais Dia, Menos Dia*”, livro de crônicas de Coqueijo (Editora Itapuã, Salvador, BA, 1972).

Como juiz, Coqueijo alcançou renome internacional: foi membro do Tribunal Administrativo da Organização dos Estados Americanos (OEA), com sede em Washington, DC, nos Estados Unidos.

Professor universitário, ensinou nas Faculdades de Direito da Universidade da Bahia e da Universidade de Brasília (UnB). Jurista de escola, escreveu magníficos livros: “*Ação Rescisória*”, editado pela LTr, encontra-se na 5ª edição; o seu “*Mandado de Segurança e Controle Constitucional*”, também da LTr, já deu mais de uma edição; “*O Direito Processual do Trabalho e o CPC de 1973*”, da Editora LTr, é obra de consulta obrigatória; e o seu “*Direito Processual do Trabalho*”, editado pela Forense, com cerca de novecentas páginas, encontra-se em 2ª edição. Artigos de doutrina jurídica, Coqueijo escreveu um grande número, que estão publicados em revistas especializadas.

Conferencista de fama, Coqueijo era muito requisitado por universidades e instituições culturais, do Brasil e do estrangeiro. Chegara, recentemente, dos Estados Unidos e da Costa Rica, onde proferira conferências sobre temas jurídicos de sua especialidade.



Coqueijo foi membro da Academia Brasileira de Letras Jurídicas e integrou a Academia Internacional de Direito Econômico e Economia.

Ele, entretanto, não sabia somente Direito, mesmo porque o jurista que é apenas jurista “*é uma pobre e triste coisa*” (Stammler). Coqueijo foi, também, poeta. Aliás, ao morrer, morreu como um poeta: pressentindo que morreria, disse a Aydil, sua “*amiga e companheira, doçura de viver*” – as palavras são de Coqueijo e constam da decicatória do seu livro de crônicas, “*Mais Dia, Menos Dia*” – que bom, doce e suave é morrer ao lado de Aydil.

É de Jorge Amado o registro, que “*esse tão numeroso Coqueijo é, em verdade, um poeta, um poeta livre e verdadeiro: nada o limita nem impede que se dê por completo, cidadão modelar, à obra de cultura*”, “*poeta que se realiza em beleza profunda nas suas composições, ...*” (Jorge Amado, “Prefácio”. cit.).

Coqueijo também foi músico: com engenho e arte dedilhava o violão; e foi compositor de lindas canções, canções que o povo canta; amigo de Carlos Drummond de Andrade, pôs música na poesia do poeta maior. E foi amigo de Vinicius de Moraes, de Caimi, de Caribé, de Jener, de Mário Cravo, de Celestino, de Alcivando, de João Gilberto, de Badem, de Chico Buarque de Holanda – e é bom que cessem as citações, senão seria um citar de nomes sem fim.

Na Bahia, enquanto lá residiu, Coqueijo de tudo participava, a ponto de Jorge Amado chamá-lo de Comandante Coqueijo, porque vivia ele a arregimentar os seus amigos para tudo que fosse movimento cultural. Aliás, de mais de um romance de Jorge Amado, Coqueijo é personagem.

A característica do homem de talento, de inteligência brilhante, é mesmo esta: ele está sempre em movimento, é versátil, no sentido de que tem qualidades variadas e numerosas, é capaz de fazer tudo o que deseja, não é preconceituoso, e tudo o que faz, faz bem feito. Coqueijo, enquanto viveu, fez prova disto.

Amigo incomparável, presente nos momentos de alegria e, sobretudo, na adversidade, Coqueijo fez uma legião de amigos. Humano, profundamente humano, sofria quando não podia ajudar aos necessitados. Lembro-me de gesto seu, no mês de dezembro do ano passado, num dos nossos passeios de domingo à tarde, quando aproveitávamos, Coqueijo, o professor e Ministro Roberto Rosas e eu, para trocar idéias, “*bater papo*”, conversar amenidades e tornar um café no aeroporto de Brasília. Pois num desses passeios, talvez o último que fizemos, fomos abordados por um homem pobre, que nos pedia um auxílio. Procuramos pelos “*trocados*”. Coqueijo, buscando dinheiro no bolso, dinheiro que, naquela tarde, não levava consigo, frustrado, dava explicações ao necessitado: meu amigo, acredite-me, não tenho nenhum dinheiro aqui, se tivesse eu lhe daria, pode acreditar.

Esses pequenos gestos, marcados pela espontaneidade, revelam o caráter do homem.

Quantas e quantas vezes, no nosso prédio, Coqueijo e Aydil, os dois juntos, à noite, sem alarde, escondidamente, iam à garagem e à portaria alimentar os

## Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e no STJ

---

empregados mais humildes. Ao chegarmos das férias, no dia 30 último, ainda bem não estacionara o meu automóvel, quando um dos porteiros se acercou de mim e de Ângela, minha mulher, exclamando: perdemos o nosso protetor, o Ministro Coqueijo. Naquele momento, diante daquela manifestação tão sincera de um homem humilde, o melhor que fizemos foi também chorar de saudade do que se fora.

Coqueijo amava os bichos. Dizia ele que o homem civilizado, culto, tem carinho pelos animais, porque estes também têm direito à vida. Bem disse Antônio Olinto, *“niguém os amou tão largamente. Poderia ter escrito um livro, que ficaria na literatura brasileira, sobre seu franciscano sentimento de amor aos animais.”* Não sabemos como ficará a Aparecida, um papagaio que gostava de se empoleirar no ombro de Coqueijo e com quem Coqueijo conversava coisas sérias.

Numa crônica escrita em 1996, Coqueijo conta a morte de um passarinho, uma história linda que começa assim: *“Se alguém chora baixinho – é passarinho. Quem ama de mansinho, com a paz da claustro, a quietude de paredes conventuais, a unção de horas de ave-maria – é passarinho, Passarinho é coisa frágil, alada, que fala piando e só beija as flores.”*

Temos que reconhecer: isso é poesia pura e somente a faz *“um menimo passarinho com vontade de voar.”*

Meu avô, o finado Carlos Velloso, homem do interior de Minas, que cultivava a filosofia capioa das Gerais, costumava dizer: homem que não gosta de bicho e de criança não é coisa que presta.

Pois Coqueijo amava os bichos e amava as crianças. De uma feita, disse-me ele, apreciando um pugilo de meninos e meninas a brincar, numa gritaria sem par, no pátio da escola que fica bem ao lado do nosso prédio, que aquilo parecia uma algazarra de pássaros, gostoso de ver e ouvir.

Assim foi Coqueijo, um homem que sabia viver e que vivia alegremente. Que foi, sobretudo, um homem bom, solidário, pronto a ajudar o seu semelhante, e que não se conformava com a bondade passiva, porque a queria ativa, atuante, fincada no amor pelas criaturas de Deus. Do seu livro, *“Mais Dia, Menos Dia”*, recolho de Coqueijo esta conclamação, que fecha a sua crônica sobre o Natal, publicada no dia 24 de dezembro de 1965:

Ricos e pobres, pretos e brancos, homens e mulheres, vamos dar um pouco de tudo, com fúria santa. O que se compra nas lojas e o que se tem na alma. De preferência, essa mercadoria preciosa, gratuita, que não deteriora, não envelhece, não se quebra nem se desgasta, que une, antes do que afasta, e que é simplesmente o amor pelas criaturas.

Coqueijo se foi. Aydil, sua adorável companheira, que viveu só para Coqueijo, continuará, estamos certos, a sua obra, ela que foi a sua grande e maior colaboradora.

Senhor Presidente, ouvida a Casa, proponho que constem da ata de nossos trabalhos estas palavras, como homenagem do Tribunal Federal de Recursos à

memória do grande juiz e do notável homem que foi o Ministro Coqueijo Costa. E que se dê conhecimento desta homenagem à família, na pessoa de sua mulher, a Dra. Aydil Leite Coqueijo Costa, ao Tribunal Superior do Trabalho e ao Governo da Bahia.

### **O EXMO. SR. MINISTRO GUEIROS LEITE (PRESIDENTE):**

Agradeço as palavras do Ministro **Carlos Mário** e determino que o seu pedido seja atendido.

### **O EXMO. SR. DR. PAULO A. F. SOLLBERGER (SUBPROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA):**

Exmo. Sr. Presidente, Exmos. Srs. Ministros, em nome do Ministério Público Federal desejo associar-me à manifestação de pesar pelo falecimento do Ministro Coqueijo Costa, um dos maiores magistrados deste País e afamado jurista, autor de notáveis obras de direito.

O perfil do falecido foi traçado com maestria pelo eminente Ministro **Carlos Mário Velloso** em sua bela oração. Pouco ou nada me resta acrescentar. Aproveito a oportunidade para associar-me, por igual, às palavras de V. Exa., Sr. Presidente, de pesar pelo falecimento do Desembargador Mello Martins, outro expoente das letras jurídicas cujo passamento, em janeiro deste ano, deixa sentida lacuna nos quadros da magistratura do Distrito Federal.

### **O ILMO. SR. ALCINO GUEDES DA SILVA (ADVOGADO):**

Sr. Presidente, Srs. Ministros, o Conselho Federal da Ordem dos Advogados do Brasil e da Seccional do Distrito Federal, incumbiram-me esta manhã de representá-los nesta solenidade, manifestando total adesão às homenagens aqui prestadas, aos insignes magistrados, Ministro Carlos Torreão Coqueijo Costa e Desembargador Antônio Mello Martins, recentemente falecidos em Salvador e Belo Horizonte, respectivamente.

Sr. Presidente, deveria ficar restrito a essa adesão, mas, peço *venia*, para relembrar os idos de 1947, quando conheci e aprendi a admirar o Ministro Coqueijo Costa, então muito jovem, inteligente, componente de um grupo de amigos do Porto da Barra, quando nos reuníamos nas enluaradas noites da Pituba à Beira Mar, recitando ele bonitos poemas e contando divertidas anedotas. Ao aqui chegar, por força de merecida nomeação, nos identificamos e mais amigos ficamos, cujo marcante traço foi enaltecido pelo eminente Sr. Ministro **Carlos Mário Velloso**, isto é, tinha ele o dom de fazer amigos.

## Coletânea de Julgados e Momentos Jurídicos dos Magistrados no TFR e no STJ

---

Assim, deixou o nosso homenageado, uma profunda lacuna entre os advogados que militam, não só no Tribunal Superior do Trabalho como nos demais Tribunais desta Capital.

Merece especial relevo a sua notável companhia de todas as horas, a Dra. Aydil, amiga de nossa família.

Assim, Sr. Presidente e Srs. Ministros, a Ordem dos Advogados do Brasil e a Seccional de Brasília reiteram total adesão às homenagens prestadas ao Ministro Coqueijo Costa, extensivas ao saudoso Desembargador Antonio de Mello Martins, nosso particular amigo desde 1964, quando aqui aportou a fim de prestar concurso para Juiz Substituto da Justiça do Distrito Federal.

Ao terminar, peço a V. Exa. a gentileza de incluir nas comunicações às famílias enlutadas esta manifestação de adesão prestada aos saudosos magistrados.

Muito obrigado.

### **O EXMO. SR. MINISTRO GUEIROS LEITE (PRESIDENTE):**

Defiro o pedido do Dr. Alcino Guedes, que também homenageou o Colega desaparecido.